

A multiplicação dos mortos

JOSÉ NÊUMANNE

A contabilidade dos óbitos - 36, até o momento - e dos leitos ocupados com doentes já condenados à morte - mais de 50 - pode dar o alcance da tragédia de nossos dias, encenada no Instituto de Doenças Renais de Caruaru, cidade que antes freqüentava a tela diária da televisão pela animação de suas festas juninas. Mas números não bastam para explicar o desfecho dramático de um roteiro de incompetência, desleixo e insensibilidade, que vem sendo redigido desde sempre no interior do Nordeste e em todo o Brasil, e que só poderia mesmo provocar isso.

A reação das autoridades ao episódio é, ao mesmo tempo, sintomática e episódica. A Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco tira das costas o ônus da culpa, transferindo-a para o Ministério da Saúde, que, imediatamente, o devolve, como um bumerangue. Enquanto isso, desembarca no agreste um grupo de especialistas de Atlanta para tentar saber o que houve e indicar caminhos que levem a alguma saída capaz de evitar a multiplicação dos mortos. Bestificada, a população vitimada assiste a tudo, impotente, até porque os meios de comunicação não sabem muito bem o que estão relatando.

O secretário de Saúde, o ministro da Saúde, os especialistas de Atlanta e os repórteres não sabem que os cadáveres empilhados em Caruaru são apenas a ponte de um iceberg sinistro e sórdido. Não sabem - ou, se sabem, têm vergonha de admitir porque têm grande parcela de culpa - que a sofisticada tecnologia da he-

modiálise, capaz de salvar vidas, convive no Brasil, particularmente no interior do Nordeste, com condições de higiene muito abaixo dos padrões aceitáveis da decência. Em Caruaru, por exemplo, a higiene é um luxo capitalista, pois falta água até para o asseio corporal e para o cozimento dos alimentos.

Nenhuma alma caridosa foi capaz de sujar a cara, contando isso ao distinto público. O presidente da República foi a Serra Talhada, pertinho de Caruaru, fazer comício, mas evitou sujar as mãos com a poeira do agreste, talvez porque faltasse água para lavá-las depois, impedindo até o gesto acomodado do cônsul Pilatos. O governador de Pernambuco prefere o ócio remunerado no litoral paradisíaco. O ministro da Saúde escolheu a cabala de votos de congressistas para garantir mais verbas para desperdiçar. O secretário da Saúde não está perdendo a ocasião de aparecer na tevê. Enquanto isso, os pacientes morrem como insetos.

Como a viagem eleiçoeira do presidente, a visita dos especialistas de Atlanta é inútil. Nada há a descobrir em Caruaru. Os pobres que estão morrendo lá morrem da mesma doença que os assola há séculos: a indiferença da elite gananciosa e cruel. Hoje, cada vez mais. Foi-se o tempo do imperador Dom Pedro II, doando o diamante da coroa para matar a fome dos cearenses. Foi-se mesmo o tempo da ditadura militar, durante a qual a miséria nordestina umedeceu os olhos do general de plantão, Emílio Médici. A República democrática de hoje é tão serena

e impertubável que não se deixa comover pelo drama dos cadáveres que levam 11 horas para ser liberados no Instituto Médico Legal de Pernambuco.

Ninguém de fato está ligando para a multiplicação dos mortos no agreste pernambucano. Embriagado pelo próprio sucesso perante a opinião pública, o governo se entrega às pompas e circunstâncias do poder e ao ritual do beija-mão das massas caprichosas num tempo em que os caprichos do *marketing* político substituem as obrigações que os estadistas tinham do passado. O Congresso, resultado de uma divisão que se pretende adição, assaltado por grupos e paróquias, cuida apenas de seus próprios interesses grupais, num fisiologismo abjeto. A Justiça se transformou numa casta sempre alerta na injusta garantia dos privilégios.

Os mortos de Caruaru não deixarão seus túmulos para cobrar a vergonha de um genocídio infame e impune. Mas não é possível que essa gente toda, responsável por crime tão vil, seja completamente incapaz de vislumbrar os próprios erros, neste momento, em que tenta deixar à mostra apenas o rabo de palha do vizinho mais exposto. Não é possível que ilustres personalidades, tão ciosas de sua própria importância, registrada na História do País, não percebam seu papel de carrascos nessa mortandade de inocentes. Em algum lugar, em algum momento, alguém há-de gritar basta!

■ José Nêumanne, jornalista e escritor, é autor *Solos do Silêncio*.